

VISÃO DO CORREIO

Cinema nacional

O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro é o mais tradicional evento do gênero no país. A capital se mobiliza uma vez por ano para assistir a longas e curtas-metragens nacionais. É um momento de glória para os realizadores e de diversão para os espectadores que lotam o Cine Brasília. A trigésima quarta edição do festival terminou na última terça-feira.

Depois da festa, a nada animadora realidade. O cinema brasileiro não tem muito o que comemorar em relação a número de espectadores. Amanhã volta ao cartaz em Brasília *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1976), nossa produção recordista de bilheteria: 10,7 milhões de espectadores. Mas os bons tempos se foram. *Xuxa Popstar* (produzido em 2000, portanto 24 anos depois), que foi a maior bilheteria dos últimos tempos, vendeu apenas 2,3 milhões de ingressos.

Do mercado interno, apenas 10% cabem ao cinema nacional. Para aumentar esse percentual e se reaproximar do público, uma das soluções apresentadas é enfrentar a indústria norte-americana mediante o aprofundamento da parceria com a televisão. Na maioria dos países europeus, as redes de televisão financiam em larga escala as produções e garantem posterior exibição na telinha. Tornam possível a concorrência com Hollywood. O Brasil engatinha nesse quesito.

Também se faz necessária uma política clara e de longo prazo para o setor. Hoje, o apoio está restrito a editais sem cronograma fixo e aos mecanismos de incentivo fiscal: leis do Audiovisual e Rouanet. Ba-

seadas na redução de impostos, as formas de captação de recursos deixam os produtores nas mãos, às vezes arbitrárias, dos gerentes de marketing de grandes empresas, públicas e privadas. Para melhorar esse quadro, aposta-se na recém-criada Agência Nacional de Cinema (Ancine), sem data para sua definitiva instalação.

Na perspectiva latino-americana, vivemos pior momento que o México, com forte instituto de sustentação do mercado cinematográfico. Basta lembrar casos recentes de produções mexicanas. *Amores Brutos* conquistou 3,5 milhões de espectadores e *E Sua Mãe Também* (com estréia marcada para amanhã na cidade) ultrapassou 4 milhões.

O cinema brasileiro perdeu chance preciosa de conquistar espaço com o sucesso de *Central do Brasil*, dentro e fora do país. Não houve produção para sustentar o clima favorável criado pelo filme de Walter Salles. Uma das principais razões para o atraso brasileiro é a falta de investimento em filmes que não entram na máquina de distribuição das multinacionais. Para se ter uma idéia, *Lavoura Arcaica*, premiado como melhor filme no Festival de Brasília, possui apenas quatro cópias para exibição em todo o país. No extremo disso, *Harry Potter* tem 26 cópias apenas no Distrito Federal. São 450 no Brasil.

Eis, portanto, um grande desafio: manter ao longo do ano o índice de interesse pelo cinema brasileiro conquistado pelo Festival de Brasília. E recuperar a tradição popular de nosso cinema configura-se algo acima de uma empreitada empresarial. É indispensável fazê-lo visível à identificação nacional e projetá-lo na tela da cultura brasileira.